



CROSSPOINT

REVISTA DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO

ISSN: 3066-2442 | DOI: <https://doi.org/10.19141/Crosspoint.v2.2026.2290>

Programa de Mestrado Profissional em Comunicação do UNASP



CRIMIGRAÇÃO: A ESTIGMATIZAÇÃO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES ISLÂMICOS NA IMPrensa BRITÂNICA

VANESSA CANDIA MOURA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)



Este é um artigo publicado em
acesso aberto (Open Access) sob a
licença Creative Commons Attribution,
que permite uso, distribuição e
reprodução em qualquer meio, sem
restrições desde que o trabalho
original seja corretamente citado.



ORCID

VANESSA CANDIA MOURA

Mestra em Direitos Humanos no Birkbeck, University of London, no Reino Unido, e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Pós-graduanda em Neurociência e Comportamento Humano pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

E-MAIL: vcandia_moura@hotmail.com

COMO CITAR: MOURA,
Vanessa Candia.
Crimigração: a estigma-
tização de refugiados
e imigrantes islâmicos
na imprensa britânica.
**Crosspoint - Re-
vista de Estudos In-
terdisciplinares em
Comunicação**, v2,
2026, p. 11-31 Dispo-
nível em: <[https://doi.
org/10.19141/Cross-
point.v2.2026.2280](https://doi.org/10.19141/Crosspoint.v2.2026.2280)>.

RESUMO

Este artigo analisa como a mídia britânica contribui para a estigmatização e criminalização de refugiados, requerentes de asilo e imigrantes islâmicos. A partir do conceito de estigma de Erving Goffman (1963) e de releituras de Imogen Tyler (2018a, 2020) e Arun Kundnani (2001, 2014), argumenta-se que o estigma opera como ferramenta de governança, reproduzindo estruturas de exclusão e racialização. Desde a crise migratória de 2015, a cobertura midiática no Reino Unido consolidou enquadramentos que associam imigrantes à criminalidade, ao terrorismo e à ameaça sanitária. Adaptação de dissertação de mestrado que observou esse discurso entre 2016 e 2020 em jornais e tabloides britânicos, o artigo mostra como ele se estruturou e se consolidou. O estudo adota abordagem teórico-analítica, com revisão bibliográfica crítica e análise qualitativa de materiais jornalísticos britânicos. Conclui-se que a mídia atua como agente central na produção de estigmas contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: estigma; imigração; crimigração; mídia; racialização

ABSTRACT

This article analyses how the British media stigmatises and criminalises refugees, asylum seekers and Muslim immigrants. Drawing on Goffman's concept of stigma (1963) and rereadings by Imogen Tyler (2018a, 2020) and Arun Kundnani (2001, 2014), it is argued that stigma operates as a tool of governance, reproducing structures of exclusion and racialisation. Since the 2015 migration crisis, UK coverage has consolidated framings associating immigrants with criminality, terrorism and health threats. Adapted from a master's dissertation that observed this discourse between 2016 and 2020 in British newspapers and tabloids, the article shows how it took shape and consolidated throughout this period. The study adopts a theoretical-analytical approach, with a critical literature review and qualitative analysis of British journalistic materials. It is concluded that the media acts as a central agent in producing contemporary stigmas.

KEYWORDS: stigma; immigration; crimigration; media; racialization.

1 INTRODUÇÃO

A chamada “crise dos refugiados” que se intensificou na Europa a partir de 2015 representou um ponto de inflexão decisivo na forma como migração forçada, refúgio e segurança passaram a ser debatidos no espaço público. No Reino Unido, esse contexto não apenas redefiniu políticas migratórias, como também consolidou enquadramentos midiáticos que associaram refugiados e requerentes de asilo, especialmente aqueles oriundos de países de maioria muçulmana à ameaça, à criminalidade e à desordem social. Essas representações não surgiram de forma isolada, mas foram progressivamente construídas e reiteradas ao longo do tempo, produzindo efeitos políticos concretos, como o fortalecimento de discursos nacionalistas e o próprio processo do Brexit.

Embora a crise de 2015 e 2016 constitua o marco fundador dessas narrativas, seus efeitos não se encerram naquele período. Ao contrário, mesmo diante de transformações significativas no cenário geopolítico global, como novos conflitos armados, a pandemia de Covid-19 e mudanças nos fluxos migratórios internacionais, os enquadramentos midiáticos estabelecidos nesse momento inicial continuam a operar como matrizes interpretativas dominantes. Entre 2016 e 2020, observou-se a persistência e a atualização desses enquadramentos, intensificadas pela circulação de conteúdos em mídias sociais e por discursos políticos populistas, que reforçam a distinção entre migrantes considerados “aceitáveis” e “indesejáveis”, frequentemente ancorada em critérios raciais, religiosos e culturais.

Este artigo parte do conceito clássico de estigma, formulado por Erving Goffman, para analisar como a mídia participa da construção social de refugiados e requerentes de asilo como sujeitos socialmente marcados, cuja presença é constantemente problematizada e cuja humanidade é colocada sob suspeita. A noção de normalidade, central na obra do autor, é tensionada à luz de abordagens contemporâneas que demonstram como o estigma deixou de ser apenas um atributo social para se constituir como instrumento de governança, operando na intersecção entre mídia, política e direito. Autores como Imogen Tyler e Arun Kundnani evidenciam como o estigma contemporâneo atua como tecnologia de poder, legitimando práticas de exclusão, vigilância e criminalização direcionadas a determinados grupos sociais.

No campo da Comunicação, esse processo pode ser compreendido a partir do conceito de enquadramento midiático, que é entendido como o modo pelo qual a mídia seleciona, enfatiza e organiza determinados aspectos da realidade, orientan-

do interpretações específicas e avaliações morais implícitas. A cobertura jornalística da migração no Reino Unido tem recorrido de forma recorrente a enquadramentos que associam refugiados à ilegalidade, ao terrorismo, à ameaça sanitária e ao custo econômico, contribuindo para o que a literatura anglófona denomina *crimmigration*, isso é, a fusão simbólica e normativa entre imigração e crime.

Embora o estudo dialogue com o campo do Direito, especialmente no que se refere às políticas migratórias, à proteção internacional dos refugiados e às violações de direitos humanos, sua contribuição central situa-se na análise da mídia jornalística como agente ativo na produção e legitimação desses processos. Parte-se do pressuposto de que a mídia não apenas reflete discursos políticos e jurídicos, mas participa ativamente da construção de sentidos que moldam a opinião pública e influenciam decisões institucionais e normativas.

Dessa forma, o problema de pesquisa que orienta este artigo é o seguinte: de que maneira o jornalismo britânico, entre 2016 e 2020, construiu e reproduziu enquadramentos estigmatizantes e criminalizantes sobre refugiados e requerentes de asilo, com ênfase em indivíduos oriundos de países de maioria muçulmana? Sustenta-se como hipótese que os enquadramentos consolidados durante a crise de 2015 e 2016 seguiram presentes na cobertura midiática ao longo do período analisado, sendo atualizados conforme novos eventos, mas preservando seus núcleos raciais e securitários.

O objetivo geral do artigo é analisar como esses enquadramentos são produzidos e reiterados pela mídia jornalística britânica, observando seus efeitos simbólicos na construção do refugiado como sujeito suspeito e indesejado. Para alcançar esse objetivo, o estudo combina revisão bibliográfica narrativa com metodologia adaptada a partir da análise de conteúdo aplicada a jornais e tabloides britânicos, principalmente *The Sun* e *The Guardian*, aos quais se somam reportagens do *Daily Mail*, *The Telegraph*, *The Independent* e da BBC. São preservados exemplos emblemáticos da cobertura de 2015 e 2016 e incorporadas reportagens publicadas entre 2016 e 2020, que ilustram continuidades, rupturas e reconfigurações discursivas ao longo do período.

Ao articular estigma, enquadramento midiático e criminalização da migração, este artigo busca contribuir para os estudos em Comunicação, evidenciando como práticas jornalísticas participam da produção de hierarquias morais e raciais, com impactos diretos na formulação de políticas públicas, na aplicação do direito e na vida cotidiana de refugiados e migrantes.

2 METODOLOGIA

Este artigo tem caráter teórico-analítico e fundamenta-se em revisão bibliográfica crítica sobre estigmatização, migração forçada e mídia, articulada com uma análise qualitativa de materiais jornalísticos utilizados como exemplos empíricos. A pesquisa original de mestrado, que dá base a este estudo foi desenvolvida entre 2016 e 2020, período no qual se concentrou a construção do arcabouço teórico e a leitura sistemática da cobertura midiática britânica sobre refugiados, requerentes de asilo e migrantes, especialmente no contexto posterior à crise dos refugiados de 2015-2016.

A revisão bibliográfica apoia-se, inicialmente, no conceito clássico de estigma formulado por Erving Goffman, ampliado por contribuições contemporâneas que analisam o estigma como tecnologia de governança e instrumento de exclusão social, com destaque para Imogen Tyler e Arun Kundnani. A bibliografia foi construída progressivamente a partir de 2016, acompanhando a ampliação do debate acadêmico sobre estigma, raça, migração e mídia, especialmente nas Ciências Sociais e nos estudos em Comunicação.

No que se refere ao material empírico, a pesquisa original baseou-se na leitura de centenas de reportagens publicadas em jornais britânicos de ampla circulação e linhas editoriais contrastantes, das quais apenas algumas são citadas neste artigo. Esse conjunto não constitui um corpus fechado nem foi submetido à codificação quantitativa. As reportagens mencionadas funcionam como exemplos discursivos, utilizados para ilustrar e sustentar os argumentos dos autores que fundamentam a análise teórica proposta. A escolha pelos jornais justifica-se pelo papel central que esses veículos exercem na construção da agenda pública e na difusão de enquadramentos que posteriormente circulam e se intensificam nas mídias sociais e no discurso político.

A leitura do material jornalístico foi organizada por meio de ferramentas baseadas na análise de conteúdo de Bardin (2011), empregada aqui como técnica de leitura sistemática, voltada à identificação de regularidades de linguagem, termos de rotulação, metáforas, imagens recorrentes e padrões de representação associados à criminalização e à desumanização de refugiados e requerentes de asilo. Essa análise foi articulada ao conceito de enquadramento (*framing*), entendido como o processo pelo qual a mídia seleciona, enfatiza e organiza determinados aspectos da realidade, orientando interpretações específicas e avaliações morais implícitas. O núcleo da pesquisa empírica concentra-se no período de 2016 a 2020¹.

¹ A bibliografia também foi atualizada pontualmente com revisões sistemáticas publicadas após 2020. Vale ressaltar que o campo dos estudos sobre *crimmigration* na área de Comunicação estava em plena consolidação no período da pesquisa original (2016-2020).

3 O QUE É ESTIGMA?

Antes de abordar as teorias de Goffman e Tyler, é essencial compreender o conceito de estigma. Para Goffman (1963), o estigma é um “atributo desacreditado”, surgindo da associação entre uma característica e um estereótipo. Ele é socialmente construído com base no que os “normais” consideram inaceitável. Goffman categoriza os estigmas em três tipos principais: deformidades físicas, falhas de caráter (como vícios, doenças mentais ou encarceramento) e estigmas tribais, relacionados à raça, nação e religião, muitas vezes herdados e transmitidos entre gerações.

Goffman também analisa a ideologia por trás da “normalidade”, reconhecendo que os “normais” tendem a considerar os estigmatizados como “menos humanos”, o que reduz suas chances de viverem plenamente em sociedade. A palavra “estigma” tem origem na Grécia antiga, contexto em que se referia às marcas físicas usadas para expor o caráter moral duvidoso de alguém. Essa prática se perpetuou como forma de exclusão social.

Tyler (2018b, 2020) expande essa ideia, sugerindo que o estigma moderno funciona como uma ferramenta de governança: regula corpos, restringe a mobilidade e justifica práticas de violência institucional, como deportações e detenções de imigrantes. Para ela, o estigma atual é uma forma sofisticada de desumanização, usada por governos, mídias e elites políticas, com foco no racismo e na exclusão social.

Por sua vez, Link e Phelan (2014) chamam isso de “poder do estigma”, um mecanismo sutil, mas eficaz, de controle e exclusão de grupos marginalizados. Para eles, o estigma não depende apenas de atitudes individuais, mas de estruturas que tornam a discriminação legal, aceitável e, muitas vezes, invisível. Autores como Bourdieu (1987) e Fanon (2001) aprofundam a discussão sobre as consequências sociais e simbólicas do estigma. Bourdieu fala sobre o “sentido do lugar”, em que os marginalizados aprendem a se manter “em seus lugares”. Já Fanon descreve o estigma como um processo brutal de desumanização colonial, no qual o “outro” é transformado em um inimigo moral e social.

Em contrapartida, Kusow (2004) oferece uma crítica à teoria de Goffman, questionando a validade da noção de “normalidade” formulada por ele, que reflete um ideal de homem branco, heterossexual, protestante e urbano, pouco representativo das sociedades contemporâneas. Kusow argumenta que muitos refugiados só percebem o estigma racial quando chegam a países onde se tornam minoria, destacando como o estigma é também um fenômeno vinculado a contextos históricos e culturais específicos.

4 RAÇA, MÍDIA DE MASSA E ESTIGMATIZAÇÃO

A Enquanto Goffman (1963) argumenta que os indivíduos estigmatizados não se veem como diferentes dos outros, Kusow (2004) observa que migrantes e refugiados aprendem que são estigmatizados por meio de encontros diários com nativos e, massivamente, por meio das mídias. Segundo Goffman, a ideia de raça está atrelada a um estigma que vem desde os tempos antigos, quando era vista como uma “marca ruim” que indicava algo imoral e vergonhoso.

Por sua vez, Caroline Howarth (2006, p. 443), assim como Tyler (2018b, p. 1.791), argumentam que estigmatizar características físicas (“raça”) é uma forma de desumanização, reduzindo a pessoa a um ser “manchado” e depreciado. Já Nick Haslam (2006, p. 252) aponta que a desumanização está profundamente ligada à raça, religião e etnia, sendo que o estigma racial reflete uma negação da “humanidade plena” dos outros.

A cor da pele estigmatizada prejudica as oportunidades de sucesso e impacta diretamente a identidade do indivíduo. A história de preconceito, exclusão e miséria associada à raça contribui para a reprodução da diferença social. Howarth (2006, p. 443) vê o estigma racial como algo que existe “nos olhos de quem vê” e que é imposto aos outros, muitas vezes em choque com a identidade que eles reivindicam. Nesse choque, os estigmatizados como “racializados” podem contestar as representações que os rotulam e, assim, rejeitar, ou ao menos perturbar, a ideologia do racismo.

Tyler e Slater (2018, p. 727), políticos e a mídia de massa têm usado o que chamam de “armação do estigma”, reanimando a figura do “pobre não merecedor” para justificar políticas de austeridade. A estigmatização, nesse sentido, está ligada a uma estratégia neoliberal que coloca grupos vulneráveis em uma posição de humilhação e vergonha. Bhatia (2018, p. 182) argumenta que a maneira como a mídia de direita e os tabloides retratam migrantes como patológicos e criminosos perpetua um quadro racial dominante.

Já Ortega (2016) destaca que a mídia desempenha um papel crucial na construção de estereótipos racistas sobre refugiados, especialmente os que têm como base o quadro racial branco (*white racial frame*). Para ele, a forma como as imagens de refugiados é construída está fortemente enraizada em ideologias racistas. Enquanto isso, Dembour (2015), Stumpf (2006) e Marin e Spena (2016) introduzem o conceito de *crim-migration*, a combinação de criminalização e imigração. Para esses autores, o estigma aplicado aos imigrantes os coloca permanentemente à sombra da criminalidade.

No Ocidente, especialmente para refugiados de regiões como África e Oriente Médio, a mídia de massa os retrata como fanáticos que seguem religiões violentas. Como Kundnani (2014, p. 60) argumenta, os europeus brancos e estadunidenses se veem como exércitos de Deus lutando contra o mal. Fanon (2001, p. 32, tradução livre),

sobre o mesmo tema, afirmou que os costumes e mitos de outras culturas africanas são vistos como sinais de “pobreza de espírito e depravação constitucional”².

Já Edward Said (1979, p. 38, tradução livre) afirma que, para os colonizadores europeus, as pessoas orientais e árabes eram consideradas “desprovidas de energia e iniciativa”³. Ele exemplifica como elas eram vistas como incivilizadas a ponto de não conseguirem distinguir uma estrada de uma calçada. Esse processo de estigmatização tem sido perpetuado ao longo do tempo em diversas mídias, incluindo documentários, filmes e literatura, e tem transformado refugiados em figuras sem passado, sem qualificações, reduzidos a vítimas da tragédia. Essas representações fortalecem o estigma descrito por Tyler e Slater (2018).

Por sua vez, Arun Kundnani (2014, p. 60) argumenta que a guerra contra o terrorismo poderia ser travada sem a desumanização racializada das vítimas muçulmanas. A islamofobia, embora seja uma forma “preferida” de racismo atualmente nos países ricos, não é uma novidade. Edward Said (2008, p. xvi) já havia pontuado que a mídia de massa, muito antes dos atentados de 11 de setembro de 2001, retratava os muçulmanos e o Islã com hostilidade e estereótipos exagerados.

5 MÍDIAS E O PROCESSO DE CRIMIGRAÇÃO

A mídia tem sido um dos principais instrumentos utilizados para construir e retratar a imagem dos refugiados, migrantes e requerentes de asilo. Desde a crise dos refugiados de 2015 até a disseminação das redes sociais digitais, o processo de rotulação e desumanização desses grupos se intensificou. A mídia de massa, por meio de enquadramentos, imagens e estereótipos, desempenha um papel fundamental na criação de um “outro” que é visto como uma ameaça. Refugiados são frequentemente retratados como terroristas, criminosos, deseducados ou até mesmo “invasores ilegais”. O uso constante de termos como “ilegal”, “terrorista” ou “ameaça” desumaniza essas pessoas e as transforma em um problema social, distorcendo a narrativa de indivíduos que buscam refúgio por necessidade e não por escolha.

A crise de 2015 evidencia a ambivalência dessa cobertura. Em 3 de setembro de 2015, o *The Sun* publicou a imagem do corpo do menino Aylan Kurdi, encontrado em uma praia da Grécia, e lançou uma campanha para ajudar crianças em situação semelhante.⁴ Poucas semanas depois, o mesmo jornal noticiou a chegada de 114 migrantes

² “poverty of spirit and their constitutional depravity”.

³ “devoid of energy and initiative”.

⁴ WELLS, Tom. For Aylan SUN CAMPAIGN: Our bid to help thousands of kids like drowned migrant boy. *The Sun*, 3 set. 2015. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/36107/for-aylan/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

por barco a uma base militar britânica em Chipre sob a manchete: “Os ilegais desembarcaram” (*Illegals have landed*). O texto mobiliza termos como “ilegais”, “terroristas”, “invasão” e “caos” e traz a declaração de que há “graves problemas de segurança” e de que, “pelo que sabemos, podem ser membros do Estado Islâmico”⁵, o que transforma a chegada de pessoas em fuga uma ameaça à segurança nacional.

O vocabulário da invasão também atravessou o discurso político. Em julho de 2015, o então primeiro-ministro David Cameron descreveu os refugiados que atravessavam o Mediterrâneo como um “enxame”.⁶ Metáforas desse tipo sugerem uma emergência constante e legitimam respostas cada vez mais securitárias. Ainda em 2015, o termo *jungle* (selva), usado de início pelos próprios migrantes do acampamento de Calais para descrever as péssimas condições em que viviam, foi apropriado pelos tabloides para retratá-los como incivilizados, animalizados, selvagens e incapazes de seguir regras, sobretudo as leis inglesas (Bhatia, 2018, p. 190). Palavras como “ilegal”, “invasão das nossas fronteiras”, “imparável” e “terroristas” compõem o que Bhatia (Ibid., p. 193, tradução livre) descreve como um “bicho-papão: uma figura racializada, aterrorizante e incontrolável”⁷.

Esse vocabulário voltou ao centro do noticiário na campanha do referendo do Brexit. Segundo McGuire (2019, p. 258), os tabloides, seguidos por políticos, espalharam horror e medo entre os britânicos com termos como *flood* (enchente), *flock* (bando), *swarm* (enxame) e *terrorists* (terroristas), o que criou a sensação de uma invasão de imigrantes criminosos. Jornais e políticos favoráveis ao Brexit sustentaram ainda que cidadãos ingleses corriam o risco de serem assaltados, estuprados e assassinados caso esses migrantes fossem autorizados a entrar no país.⁸

Essa cobertura oscila entre duas figuras. De um lado, o refugiado é apresentado como vítima que precisa de ajuda; de outro, como ameaça que deve ser excluída das sociedades ocidentais (Chouliaraki e Stolic, 2017). As duas formas desumanizam: a primeira reduz as pessoas a corpos em situação de necessidade, privados de comida, roupa e abrigo; a segunda, retrata essas pessoas como perigosas e donas de suas intenções. A isso se soma o

⁵ “serious security issues”; “for all we know they could be members of ISIS”. PISA, Nick; WILLETS, David. *Illegals have landed: boatloads at Cyprus RAF base seek back door to UK*. **The Sun**, out. 2015. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/50655/illegals-have-landed/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

⁶ BBC. David Cameron: ‘Swarm’ of migrants crossing Mediterranean. BBC News, 30 jul. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/av/uk-politics-33714282/david-cameron-swarm-of-migrants-crossing-mediterranean>. Acesso em: 5 ago. 2019.

⁷ “bogeyman: a terrifying racialised figure that cannot be controlled”.

⁸ GREENSLADE, Roy. Newspapers publish anti-immigration stories - but what is to be done? **The Guardian**, 5 set. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/greenslade/2016/sep/05/newspapers-publish-anti-immigration-stories-but-what-is-to-be-done>.

argumento do custo: como o público tem pouca informação sobre o que significa acolher migrantes, a mídia explora esse desconhecimento para sustentar a ideia de que eles vieram viver do dinheiro dos contribuintes (Esses, Medianu e Lawson, 2013, p. 519).

Como se a desumanização não bastasse, jornais populares espalham a ideia de que os refugiados são portadores de doenças terríveis, como em uma matéria do *The Sun* que afirmava que os migrantes poderiam levar o ebola para a Grã-Bretanha. A história, no entanto, tratava de pessoas do Marrocos tentando entrar na Espanha. O título também usa palavras que, mais uma vez, desumanizam: “A desesperada maré de migrantes que pode trazer o ebola para a Grã-Bretanha”⁹. Usar esses termos e sugerir possíveis ameaças ao público é uma arma poderosa para atribuir características negativas a um grupo, com o propósito de negar sua humanidade (Haslam, 2006, p. 254).

Outro exemplo que vai nessa direção é do *Daily Mail Online* de 11 de abril de 2016, uma matéria sobre o temor de um aumento de casos de HIV, tuberculose, escabiose e outras “superbactérias”¹⁰, como o próprio texto as chama. Na reportagem, o jornal argumenta que os refugiados têm grande probabilidade de contrair todo tipo de doença e de bactéria ao passar por tantos lugares com saneamento precário. Em direção contrária, esse argumento sanitário foi contestado pelo *The Guardian*, em 5 de dezembro de 2018, quando classificou essa ideia como um mito usado como discurso populista¹¹. Sobre o mesmo assunto, o *The Telegraph*, em 21 de janeiro de 2019, informou que, apesar de os migrantes não representarem risco de doença, uma solução simples como a vacinação poderia trazer tranquilidade aos países que os recebem¹². Porém, o caso mais extremo foi o da comentarista britânica da ultradireita Katie Hopkins que, em sua coluna no *The Sun*, se referiu aos refugiados como “baratas” e “vírus” que sobreviveriam até a uma bomba nuclear¹³.

⁹ CULLIFORD, Graeme. “The desperate tide of migrants that could bring Ebola to Britain”. *The Sun*, Londres, 23 nov. 2014. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/539091/the-desperate-tide-of-migrants-that-could-bring-ebola-to-britain/>. Acesso em: 5 ago. 2019.

¹⁰ DAILY MAIL ONLINE. Europe’s governments introduce screening for HIV, TB and scabies after massive influx of migrants, experts warn. *Daily Mail Online*, Londres, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3533975/Europe-s-governments-introduce-screening-HIV-TB-scabies-massive-influx-migrants-experts-warn.html>. Acesso em: jan. 2020

¹¹ BOSELEY, Sarah. Myths about migrants spreading disease ‘inform hostile policies’. *The Guardian*, Londres, 5 dez. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2018/dec/05/myths-about-migrants-spreading-disease-inform-hostile-policies>. Acesso em: 5 ago. 2019.

¹² GULLAND, Anne. Migrants pose no disease risk to settled population, report highlights. *The Telegraph*, Londres, 21 jan. 2019. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/global-health/climate-and-people/migrants-pose-no-disease-risk-settled-population-report-highlights/>. Acesso em: 5 ago. 2019.

¹³ WILLIAMS, Zoe. Katie Hopkins calling migrants vermin recalls the darkest events of history. *The Guardian*, Londres, 19 abr. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/apr/19/katie-hopkins-migrants-vermin-darkest-history-drownings>. Acesso em: set. 2017.

A mídia não apenas reforça o estigma com palavras, mas também com imagens, que, segundo Sontag (2003), simplificam, agitam e criam a ilusão de consenso. As fotografias e os vídeos de refugiados seguem um padrão: pessoas em barcos precários, mulheres e crianças com fome e frio, uma mãe com o bebê chorando no colo, homens em filas ou diante de uma fronteira. Wright (2002, p. 54) observa que muitas dessas representações lembram a tradição cristã de pintura sobre o êxodo forçado, como a expulsão do Jardim do Éden e a fuga para o Egito, o que ajuda a perpetuar a redução do refugiado a uma categoria de pessoas desamparadas, uma forma antiga de desumanização. Mesmo quando a intenção é ajudar, a imagem pode desumanizar. E, entre a foto de uma cidade bombardeada, em que as pessoas tentam seguir uma vida “normal”, e a de radicais barbudos segurando armas, é a segunda que costuma viralizar nas redes e reforçar a criminalização das pessoas retratadas na primeira.

6 O PROCESSO DE CRIMIGRAÇÃO E A MÍDIA

O conceito de *crimmigration* cunhado por Juliet Stumpf (2006, p. 376) descreve como a criminalização de migrantes, refugiados e requerentes de asilo é alimentada por discursos midiáticos, que intensificam a percepção de ameaça e perigo desses grupos. No Reino Unido, essa retórica se tornou extremamente eficaz, moldando a forma como a sociedade vê e trata os refugiados. A mídia de massa, especialmente os tabloides, desempenha um papel central nesse processo, utilizando uma linguagem estigmatizante para associar esses indivíduos a comportamentos criminosos, como terrorismo, violência ou abusos.

Por exemplo, a frequência com que os refugiados são rotulados como “ilegais” ou “terroristas” nos meios de comunicação desumaniza sua condição, retirando suas motivações legítimas para migrar e transformando-os em um “problema” a ser resolvido. Termos como “invasores”, “fundamentalistas” ou “criminosos” são usados para reforçar a ideia de que esses grupos representam uma ameaça à segurança e aos valores da sociedade britânica, contribuindo para sua exclusão social. Por isso, muitas organizações defendem que os imigrantes ilegais sejam chamados de “irregulares” ou “migrantes indocumentados”, para dissociar essas pessoas dos criminosos da lei, como a própria BBC discutiu em uma reportagem sobre a batalha em torno das palavras usadas para descrever migrantes.¹⁴

Além disso, a mídia não apenas contribui com essa retórica por meio de palavras, mas também pelas imagens que escolhe disseminar. A representação de migrantes em barcos precários ou vivendo em condições subumanas acentua a ideia de que são

¹⁴ RUZ, Camila. The battle over the words used to describe migrants. **BBC News**, Londres, 28 ago. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/magazine-34061097>. Acesso em: 17 ago. 2020.

seres “não normais”, como Goffman (1963) sugere. Esses enquadramentos visuais e verbais reforçam a ideia de que os refugiados são “outros”, afastados da sociedade e, em muitos casos, dignos de hostilidade ou desprezo.

A mídia, ao promover estereótipos raciais e culturais, intensifica a criminalização desses indivíduos. A associação entre raça e criminalidade é explorada, tornando os refugiados de países não ocidentais, especialmente os muçulmanos, alvos de um estigma racializado. A narrativa da mídia, portanto, não apenas constrói uma visão da imigração como um problema, mas também fortalece a ideia de que esses indivíduos, devido à sua etnia ou religião, são um risco para a ordem pública.

A relação entre mídia e criminalização também se reflete nas narrativas sobre tráfico de pessoas e na alegação de que muitos migrantes estão envolvidos com traficantes. A cobertura da mídia muitas vezes sugere que refugiados que recorrem a essas redes de imigração ilegal, pois é a única alternativa enxergada por muitos deles, estão automaticamente envolvidos em atividades criminosas, sem distinguir entre o que constitui um criminoso de fato e os migrantes. Essa estratégia de criminalização é eficaz porque mistura a ideia de criminalidade com a de “culpa moral”, fazendo com que o público veja os migrantes e refugiados como merecedores de punições e, portanto, excluídos da sociedade. A narrativa de crimigração é frequentemente usada para justificar políticas de deportação, detenção e outras formas de repressão, ignorando o direito dos refugiados à proteção, como estipulado pela Convenção de 1951 sobre Refugiados.

Muitas vezes, os refugiados são deixados no mar, sem água nem comida, enquanto os países disputam de quem é a responsabilidade por aquelas vidas. Foi o caso de um navio de resgate com 64 pessoas a bordo, noticiado pelo *The Independent*, em abril de 2019, que estava ficando sem comida e água enquanto países europeus discutiam quem deveria deixá-lo atracar¹⁵. A criminalização afeta também quem ajuda: em junho de 2018, o *The Guardian* noticiou a aprovação, na Hungria, das leis “Stop Soros” (em referência ao investidor e filantropo George Soros), apresentadas como medidas contra a imigração e que preveem punição para quem presta apoio a requerentes de asilo.¹⁶

Em resumo, a mídia não apenas reflete as questões de crimigração, mas também ajuda a construir e reforçar esses estigmas, criando uma imagem distorcida e demonizada dos

¹⁵ RAHIM, Zamira. Refugee rescue ship running out of food and water with 64 on board as European countries argue over who should let it dock. **The Independent**, Londres, 9 abr. 2019. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/refugee-rescue-ship-sea-eye-boat-eu-countries-refusing-let-it-dock-libya-a8861306.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

¹⁶ THE GUARDIAN. Hungary passes anti-immigrant ‘Stop Soros’ laws. **The Guardian**, Londres, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jun/20/hungary-passes-anti-immigrant-stop-soros-laws>. Acesso em: 24 set. 2019.

refugiados. As estratégias de criminalização midiática, combinadas com políticas de imigração punitivas, resultam na marginalização e exclusão desses indivíduos, tornando-os alvo de violência simbólica e institucional.

7 CONSEQUÊNCIAS DA CRIMIGRAÇÃO

Quando se trata de respeitar e dignificar refugiados, requerentes de asilo e migrantes, a questão se transforma em uma disputa sobre quem merece ou não ter acesso aos direitos previstos em declarações e convenções internacionais. O que se observa atualmente é um sistema punitivo que retira desses indivíduos direitos fundamentais, substituindo acolhimento por exclusão institucionalizada.

A detenção prolongada, os maus-tratos e a humilhação geram traumas profundos (Silove, Steel e Mollica, 2001; Steel *et al.*, 2006; Von Werthern *et al.*, 2018; Filges *et al.*, 2024) e agravam o sofrimento daqueles que já fugiram de contextos de violência extrema. Como demonstram Von Werthern *et al.* (2018), no resumo de sua revisão sistemática, a duração da detenção tem efeito proporcionalmente negativo sobre a saúde mental dos refugiados e a exposição prévia à traumas amplifica esse impacto. No Reino Unido, por exemplo, requerentes de asilo permanecem por longos períodos em centros de detenção com condições precárias, muitas vezes mais severas do que as impostas a criminosos condenados. Mulheres e crianças são especialmente vulneráveis nesses espaços, sujeitas a riscos constantes de abuso.

Além dos danos físicos, o sofrimento mental resultante da criminalização e da desumanização compromete seriamente a saúde dos refugiados (Sim, 2016, p. 46; Haslam e Pedersen, 2007; El Amouri e Sabchev, 2025). Nesse sentido, El Amouri e Sabchev (2025) sintetizam, no resumo de sua revisão sistemática acerca do impacto das leis e políticas ocidentais sobre os refugiados, que a “incerteza, isolamento e desumanização” têm relação direta com os danos à saúde mental desse grupo. Em vez de políticas baseadas em acolhimento e reabilitação, os governos adotam medidas que reforçam o estigma e alimentam a percepção pública de que essas pessoas representam uma ameaça à ordem e à segurança nacional.

Esse enquadramento generalizante leva à suposição de que migrantes são terroristas em potencial, mesmo quando fogem de grupos extremistas. Em alguns casos, até mesmo nomes de origem bíblica tornam-se motivo de desconfiança quando associados a nacionalidades de países muçulmanos. O estigma é tão forte que muitos preferem se identificar como migrantes e não como refugiados, a fim de tentarem escapar da desconfiança social e institucional. Os efeitos desse sistema são muitas vezes letais. O

caso de uma mulher etíope que faleceu por falta de tratamento oncológico¹⁷, enquanto aguardava a resposta do Home Office (Ministério do Interior do Reino Unido) sobre seu pedido de asilo, exemplifica como a burocracia aliada ao preconceito pode custar vidas.

Famílias que enfrentam longas e perigosas jornadas para fugir de seus países de origem, ao chegarem ao destino, encontram políticas hostis, falta de acesso à saúde básica e tratamento desumanizante por parte das autoridades. Um pai curdo relatou ter sido tratado como animal após vagar por meses com sua família pela Europa, buscando refúgio no Reino Unido¹⁸. Situações como essa desmontam os estereótipos midiáticos que pintam os migrantes como ameaças. Em vez disso, essas matérias revelam seres humanos tentando apenas sobreviver e proteger seus filhos. O *The Guardian* também publicou relatos de refugiados descrevendo suas próprias jornadas até o Reino Unido, nos quais são eles mesmos que contam a sua história.¹⁹

Refugiados também enfrentam humilhações em prisões, sendo colocados junto a criminosos perigosos, tratados com desprezo por agentes do Estado e ridicularizados por outros detentos. O caso de Ali, nome fictício de um iraniano encarcerado por usar um passaporte falso, ilustra esse sofrimento: ele relata ter chorado todos os dias durante sua detenção, revelando os efeitos psicológicos profundos da criminalização do refúgio (Bhatia, 2020, p. 42).

A cobertura midiática, com sua ênfase em estereótipos e distorções, contribui diretamente para a criminalização dos refugiados. Termos como “ilegal”, “terroristas” e “invasores” são amplamente usados para desumanizar essas pessoas e reforçar a ideia de que elas representam uma ameaça. A forma como a mídia constrói e transmite essas narrativas afeta profundamente a percepção pública e influencia as políticas governamentais, criando um ciclo de criminalização e exclusão social.

8 CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou como a mídia desempenha um papel fundamental na estigmatização e criminalização de migrantes, refugiados e requerentes de asilo. A partir das

¹⁷ HALLIDAY, Josh. Asylum seeker denied cancer treatment by Home Office dies. **The Guardian**, Londres, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2019/sep/19/asylum-seeker-denied-cancer-treatment-nhs-home-office-hostile-environment>. Acesso em: 29 out. 2019.

¹⁸ GRANT, Harriet. 'I have destroyed my life for my children': the families trying to cross the Channel. **The Guardian**, Londres, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/ago/14/families-trying-to-cross-the-channel-dunkirk-france>. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹⁹ TAYLOR, Diane; MCINTYRE, Niamh. 'It could have been me': refugees describe their journeys to the UK. **The Guardian**, Londres, 24 out. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2019/oct/24/it-could-have-been-me-refugees-describe-their-journeys-to-the-uk>. Acesso em: 24 out. 2019.

teorias de Goffman sobre estigma, foi possível observar que o processo de desumanização dessas populações não se limita a um “sinal” visível, mas é socialmente construído, com base em atributos pré-definidos por uma elite, frequentemente guiada pelos interesses da mídia e de políticos. Ao longo da crise dos refugiados, a mídia tradicional, por meio de enquadramentos, imagens e estereótipos desumanizantes, conseguiu transformar vítimas de guerra e perseguição em criminosos, reforçando uma narrativa de exclusão.

O estigma, segundo Goffman, é uma ferramenta poderosa usada para definir quem são “os outros” e quem são “os normais”. No contexto da migração, esse processo é essencial para justificar políticas de exclusão e controle, como a crimigração. A mídia, ao construir e divulgar estereótipos, alimenta um ciclo de criminalização, tornando quase impossível para os migrantes, refugiados e requerentes de asilo demonstrarem suas necessidades legítimas e humanas.

Em um momento em que os direitos previstos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 deveriam ser universais, a crise dos refugiados revelou como esses direitos foram reduzidos, sendo aplicados seletivamente. A mídia, ao classificar refugiados e migrantes como “outros”, contribuiu para a perpetuação de um estigma que, como Goffman previu, afeta profundamente a vida dessas pessoas, tornando-as vulneráveis à discriminação e marginalização.

Por fim, o estudo confirma que o processo de estigmatização midiática não é algo recente, mas uma prática enraizada e construída ao longo de décadas. A partir da análise das representações midiáticas, podemos concluir que a mídia continua sendo um agente central na construção de barreiras entre “os normais” e “os outros”, distorcendo a realidade e influenciando a percepção pública de forma negativa, o que, por sua vez, reforça políticas desumanas e exclui aqueles que mais precisam de proteção.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BHATIA, Monish. Social Death: The (White) Racial Framing of the Calais 'Jungle' and 'Illegal' Migrants in the British Tabloids and Right-Wing Press. In: **Media, Crime and Racism** (pp. 181-212). Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

_____. Crimmigration, imprisonment and racist violence: Narratives of people seeking asylum in Great Britain. **Journal of Sociology**, v. 56, n. 1, pp. 36-52, 2020. Disponível em: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/29401/>. Acesso em: 4 out. 2026.

BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 32, p. 1-17, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41035356>. Acesso em: 4 out. 2026.

CHOULIARAKI, Lilie; STOLIC, Tijana. Rethinking media responsibility in the refugee 'crisis': a visual typology of European news. **Media, Culture & Society**, v. 39, n. 8, p. 1162-1177, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319471071_Rethinking_media_responsibility_in_the_refugee_%27crisis%27_a_visual_typology_of_European_news. Acesso em: 4 out. 2026.

DEMBOUR, Marie-Bénédicte. **When humans become migrants**: Study of the European Court of Human Rights with an Inter-American counterpoint. Oxford: Oxford University Press, 2015.

EL AMOURI, Imen; SABCHEV, Tihomir. What has been the impact of western governments' laws and policies on the mental health of asylum seekers and refugees? A systematic-narrative hybrid literature review. **Journal of Migration and Health**, v. 12, 100382, 2025. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666623525000819>. Acesso em: 4 out. 2026.

ESSES, Victoria M.; MEDIANU, Stelian; LAWSON, Anna S. Uncertainty, threat, and the role of the media in promoting the dehumanization of immigrants and refugees. **Journal of Social Issues**, v. 69, n. 3, pp. 518-536, 2013. DOI: 10.1111/josi.12027.

FANON, Frantz. **Wretched of the Earth**. London: Penguin Modern Classics, 2001.

FILGES, Trine; BENGTSEN, Elizabeth; MONTGOMERY, Edith; KILDEMOES, Malene Wallach. The impact of detention on the health of asylum seekers: An updated systematic review. **Campbell Systematic Reviews**, v. 20, n. 3, e1420, 2024. DOI: 10.1002/cl2.1420.

GOFFMAN, Erving. **Stigma**: Notes on the management of spoiled identity. New York: Simon and Schuster, 1963.

HASLAM, Nick. Dehumanization: An integrative review. **Personality and Social Psychology Review**, v. 10, n. 3, p. 252-264, 2006. DOI: 10.1207/s15327957pspr1003_4.

HASLAM, Nick; PEDERSEN, Anne. Attitudes towards asylum seekers: The psychology of exclusion. In: Lusher, Dean e Haslam, Nick (eds.), **Yearning to Breathe Free**: Seeking Asylum in Australia, pp. 208-218, 2007. Sydney: Federation Press.

HOWARTH, Caroline. Race as stigma: Positioning the stigmatized as agents, not objects. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 16, n. 6, pp. 442-451, 2006. DOI: 10.1002/casp.898.

KUNDNANI, Arun. In a foreign land: The new popular racism. **Race & Class**, v. 43, n. 2, pp. 41-60, 2001. DOI: 10.1177/0306396801432004.

_____. **The Muslims Are Coming!**: Islamophobia, extremism, and the domestic war on terror. London: Verso, 2014.

KUSOW, Abdi M. Contesting stigma: On Goffman's assumptions of normative order. **Symbolic Interaction**, v. 27, n. 2, p. 179-197, 2004. DOI: 10.1525/si.2004.27.2.179.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Stigma power. **Social Science & Medicine**, v. 103, pp. 24-32, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260129552_Stigma_Power. Acesso em: 4 out. 2026.

MARIN, Luisa; SPENA, Alessandro. Introduction: The criminalization of migration and European (dis)integration. **European Journal of Migration and Law**, v. 18, n. 2, pp. 147-156, 2016.



Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304364398_Introduction_The_Criminalization_of_Migration_and_European_DisIntegration. Acesso em: 4 out. 2026.

McGUIRE, Kim. Engaging with the media in a pre and post Brexit world: racism, xenophobia and regulation: a United Kingdom perspective. **Journal of Hate Studies**, v. 15, n. 1, pp. 255-273, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48799454>. Acesso em: 4 out. 2026.

ORTEGA, Frank J.; FEAGIN, Joe R. Framing: The Undying White Racial Frame. In: **The Routledge Companion to Media and Race**, pp. 31-42. New York: Routledge, 2016.

SAID, Edward W. **Orientalism**. New York: Random House, 1979.

_____. **Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World**. Fully revised edition. New York: Random House, 2008.

SILOVE, Derrick; STEEL, Zachary; MOLLICA, Richard F. Detention of asylum seekers: assault on health, human rights, and social development. **The Lancet**, v. 357, n. 9266, p. 1436-1437, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/120104677/Detention_of_asylum_seekers_assault_on_health_human_rights_and_social_development. Acesso em: 4 out. 2026.

SIM, Ryan. Into the Mind of the Refugee: Unpacking Modern Refugee Mental Health. **Harvard International Review**, v. 37, n. 4, p. 46, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i26445604>. Acesso em: 4 out. 2026.

SONTAG, Susan. **Regarding the pain of others**. London: Penguin, 2003.

STEEL, Zachary; SILOVE, Derrick; BROOKS, Robert; MOMARTIN, Shakeh; ALZUHAIRI, Bushra; SUSLIJK, Ina. Impact of immigration detention and temporary protection on the mental health of refugees. **The British Journal of Psychiatry**, v. 188, n. 1, p. 58-64, 2006. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/impact-of-immigration-detention-and-temporary-protection-on-the-mental-health-of-refugees/B6914BF421D202CE4474C5F757BC541E>. Acesso em: 4 out. 2026.

STUMPF, Juliet. The Crimmigration Crisis: Immigrants, Crime, and Sovereign Power. **American University Law Review**, v. 56, n. 2, p. 367-419, 2006. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=935547. Acesso em: 4 out. 2026.

TYLER, Imogen. **Stigma: The Machinery of Inequality**. London: Zed Books, 2020.

TYLER, Imogen; SLATER, Tom. Rethinking the sociology of stigma. **The Sociological Review**, v. 66, n. 4, pp. 721-743, 2018. DOI: 10.1177/0038026118777425.

TYLER, Imogen. Resituating Erving Goffman: From Stigma Power to Black Power. **The Sociological Review**, v. 66, n. 4, pp. 744-765, 2018a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325729352_Resituating_Erving_Goffman_From_Stigma_Power_to_Black_Power. Acesso em: 4 out. 2026.

TYLER, Imogen. The Hieroglyphics of the Border: Racial Stigma in Neoliberal Europe. **Ethnic and Racial Studies**, v. 41, n. 10, pp. 1783-1801, 2018b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346411236_The_hieroglyphics_of_the_border_racial_stigma_in_neoliberal_Europe. Acesso em: 4 out. 2026.

VON WERTHERN, Martha; ROBJANT, Katy; CHUI, Z.; SCHON, R.; OTTISOVA, Livia; MASON, C.; KATONA, Cornelius. The impact of immigration detention on mental health: a systematic review. **BMC Psychiatry**, v. 18, artigo 382, 2018. DOI: 10.1186/s12888-018-1945-y.

WELLS, Tom. For Aylan SUN CAMPAIGN: Our bid to help thousands of kids like drowned migrant boy. **The Sun**, Londres, 3 set. 2015. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/36107/for-aylan/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

WRIGHT, Terence. Moving images: The media representation of refugees. **Visual Studies**, v. 17, n. 1, p. 53-66, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249071089_Moving_images_The_media_representation_of_refugees. Acesso em: 4 out. 2026.



SUBMISSÃO: 30 set 2025

AValiação: 15 out 2025

Revisão: 30 set 2026

Edição: 18 out 2026

Publicação: 22 out 2026